



LES PÉTROLEUSES: IMAGEM E LIBERAÇÃO FEMININA

Natania Aparecida da Silva Nogueira

Resumo: Na década de 1970 surgiu na França, fruto das manifestações de 1968 o *Mouvement de Libération des Femmes* (MLF), que representou um marco dentro do movimento feminista e contou com o engajamento de muitos grupos de mulheres, que se formaram nos *quartiers* (bairros). Estes grupos, de tendências variadas tinham em comum algumas pautas, como o combate à violência contra as mulheres, o direito à contracepção e a valorização das mulheres no mercado de trabalho. Dentre eles, as tendências de esquerda se destacavam, pelo seu engajamento na luta, que era divulgada por meio de periódicos como *Les Pétroleuses*. Na presente comunicação pretendemos analisar as imagens deste periódico, associado ao MLF, o periódico como uma Tecnologia de Gênero, cujo objetivo é disseminar o discurso das mulheres engajadas no projeto de transformação social defendido pela esquerda na década de 1970.

Palavras-chave: Movimento de Liberação Feminina, Quadrinhos, Feminismo.

Abstract: In the 1970s the fruit of the 1968 manifestations the *Mouvement de Libération des Femmes* (MLF) emerged in France, that represented a milestone within the feminist movement and was attended by many women's groups that formed in the *quartiers* (neighborhood). These groups, of varying political learnings, had some common themes, such as the fight against violence against women, the right to contraception and the valorization of women in the labor market. Among them, left-wing groups stood out for their commtment to the struggle, which was divulged by newspapers such as *Les Pétroleuses*. In this paper we intend to analyze the images of this newspaper, associated with the MLF, the newspaper as a Gender-Technology, whose objective is to disseminate the discourse of women engaged in the social transformation project advocated by the left in the 1970s.

Keywords: Feminine Liberation Movement, Comics, Feminism.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O presente texto é parte integrante da minha pesquisa no doutorado sobre o a publicação periódico em quadrinhos *Ah! Nana*, que circulou na França entre os anos de 1976 e 1978. Esta revista, considerada pioneira pelo fato de ter sido produzida por mulheres, é reflexo de um momento de efervescência política e cultural que não se limitou apenas à França. A revista foi resultado de uma série de experiências iniciadas ainda no final dos anos de 1960 que envolveram mulheres das diversas origens e correntes de pensamento no *Mouvement de Libération des Femmes* (Movimento de Liberação das Mulheres - MLF), um marco na luta por direitos.

O Movimento de Liberação Feminina, por sua vez, deu origem a uma imprensa periódica independente que defendia diversas bandeiras, e colocam na cena política, de uma forma até então nunca antes vista, as mulheres francesas. De donas de casas a operárias, elas passaram a contribuir com publicações que ultrapassaram os limites da capital francesa, Paris, mas em todas as regiões do país. Uma dessas publicações, que antecede o projeto gráfico de *Ah! Nana*, foi *Les Pétroleuses* uma referência às mulheres revolucionárias que incentivam grandes edifícios como Palácio das Tulherias, durante o movimento da Comuna de Paris, em 1871.

Em 1871, durante a Comuna de Paris, mulheres e trabalhadores lutavam atrás das barricadas defendendo Paris. Com lâmpadas a óleo, eles acendem fogueiras para retardar o avanço das tropas de Versalhes. A burguesia os assassinou como "Oilers", refletindo o grande medo inspirado pela luta das mulheres. Muitos deles participaram de clubes de mulheres e se recusaram a aceitar seu status como mulheres oprimidas. Essas mulheres estavam lutando como trabalhadoras e como mulheres. Eles nos mostram o caminho (tradução nossa)¹.

¹ En 1871, pendant la Commune de Paris, des femmes, des ouvrières, se battent derrière les barricades qui défendent Paris. Avec des lampes à pétrole, elles allument des incendies destinés à freiner l'avance des troupes versaillaises. La bourgeoisie les assassina comme "Pétroleuses", traduisant ainsi la grande peur que lui inspire la lutte des femmes. Beaucoup d'entre elles participaient à des clubs féminins et refusaient d'accepter leur condition de femmes opprimées. Ces femmes se battaient en tant que travailleuses et en tant que femmes. Elles nous montrent la voie (Tradução da autora). LES PÉTROLEUSES - *Le journal de Femmes qui Lutent: tendance de lutte de classe ou mouvement de Libération des Femmes*. Paris, n.0, 1973, p. 02

Este periódico foi concebido como um veículo de expressão de mulheres alinhadas ao discurso da esquerda e como espaço para manifestação cultural e política de mulheres anônimas. Artigos, entrevistas, resenhas, charges e quadrinhos compunham o periódico. Aqui nos interessa analisar as charges e os quadrinhos utilizados como forma de expressão dessas mulheres naquele dado contexto.

Partimos da premissa de que, por meio dessas imagens, as mulheres puderam participar desse momento de luta. A imagem foi um poderoso instrumento de inserção feminina no debate político. E esta publicação periódica, assim como outras que circularam nos anos de 1970, serviu de base de apoio para o MLF incentivando as mulheres a utilizarem a imprensa, tanto ilustrada quanto impressa, como forma de expressão, propiciando o surgimento de produções de maior alcance como foi o caso de *Ah! Nana*.

Para tanto, o texto será dividido em duas partes. Num primeiro momento pretendemos analisar o contexto político e social da França nos anos de 1970, a fim de situar historicamente o surgimento do periódico *Les Pétrroleuses*. Em seguida iremos analisar o periódico e a forma como a imagem foi utilizada como forma de expressão. Como base teórica utilizaremos Teresa Lauretes (1994) e o conceito de “tecnologia de gênero”, aplicado ao uso do periódico como instrumento de construção e reconstrução de estereótipos de gênero.

A categoria gênero, segundo Joan Scott², representa um universo simbólico a partir do qual definimos como enxergamos a nós mesmos(as) e a realidade na qual vivemos. Ela representa a percepção que temos sobre as diferenças sexuais. Ela é, também, uma relação de poder que envolve e se estrutura sobre hierarquias sociais, valores culturais, em símbolos e significados.

No caso específico, temos a apropriação destes periódicos pela esquerda francesa, de orientação feminista, para apresentar novas representações de mulheres, não mais as passivas donas de casa, mas mulheres em luta pelos seus direitos. Utilizaremos o conceito de representação

² SCOTT, Joan. *Gênero: uma categoria útil para análise histórica* (1989). Disponível em: <<http://bit.ly/2yKYNX3>>, acesso em 27 mai. 2017.

de Roger Chartier, e a partir dele buscar compreender como funcionava a sociedade francesa e determinar as operações intelectuais que tornam possível a apreensão do mundo³, que, por sua vez, é moldado a partir de uma série de discursos que o assimilam e o estruturam.⁴

A FRANÇA E O MOVIMENTO DE LIBERAÇÃO FEMININA

A década 1950 foi marcada por uma grande resistência à participação das mulheres na cena política e mesmo por discursos que tentavam a todo custo reforçar o papel da maternidade, não apenas como definido pela natureza mas, também, por um dever cívico das mulheres após a guerra, fenômeno que Susan Faludi, chamou de *backlash* e que, segundo ela, “rebaixou à condição de secretárias mal pagas”⁵. No entanto, na década seguinte, houve conquistas significativas como o uso de contraceptivos, que chegaram ao mercado, nos Estados unidos em 1960 e em 1967, na França. Reivindicava-se a igualdade moral, sexual, legal, econômica e simbólica entre homens e mulheres.

No final dos anos 1960, na França, pequenos grupos de ativistas se formaram para debater todas estas questões. Entre eles estão o *Féminin-masculin-avenir* (Feminino-Masculin-Futuro - FMA), fundado em 1967, feminista, e um grupo chamado *Vincennes*⁶, em torno de Antoinette Fouque e Monique Wittig, formado em 1968. Estes dois grupos são considerados precursores do ***Mouvement de Libération des Femmes (Movimento de Liberação das Mulheres - MLF)***.⁷

O MLF ganhou notoriedade em 26 de agosto 1970, data que por muito tempo foi lembrada como seu nascimento. Desejavam-se mudanças, uma nova concepção de política, de cultura, e justiça social. O movimento de Liberação das Mulheres foi, acima de tudo, um movimento plural, onde várias tendências

³ CHARTIER, Roger. *A História Cultural entre práticas e representações*. 2ª ed. Lisboa: Difel, 1988, 17.

⁴ CHARTIER, 1988, p. 23-24.

⁵ Ibidem, p. 71

⁶ Grupo também conhecido como *Politique et Psychanalyse, um dos mais ativos dentro do MLF*.

⁷ FELDMAN, **Jacqueline**. De FMA au MLF. *Clio. Histoire, femmes et sociétés* [En ligne], n. 29, 2009. Disponível em: <http://journals.openedition.org/cli/9326>. Acesso em 20 abr. 2019..

iriam se convergir⁸. Ele não pode ser comparado a um partido político ou a uma organização convencional. Segundo Guadilla, o MLF ajudou a forjar uma nova identidade feminina, encorajando as mulheres a “dispor de seus corpos” e a “politizar o privado”, reunindo vários grupos ou tendências como: *Politique et Psychanalyse*, *Féministes Révolutionnaires*, *Groupes de Quartier* e *Lutte de Classe*. Esta última, a partir de 1974 afastou-se do MLF e passou a se identificar com o *Mouvement Autonome des Femmes* (MAF).⁹

O MLF é, acima de tudo, um movimento político que pretende colocar em evidência temas importantes para as mulheres, sendo elas feministas ou não. O movimento deseja sensibilizar a sociedade para as demandas das mulheres, para sua presença em diversos campos profissionais, para questões ligadas a seu corpo como o aborto e sua sexualidade e denunciar crimes motivados por questões de gênero. Coloca-se a favor da igualdade e contra a exploração econômica das mulheres. Diferente do que ocorreu nos primórdios do movimento feminista, firmou-se o conceito de *sororidade*, de união e aliança entre as mulheres, em busca de objetivos comuns. Elas passaram a se reconhecer como “nós”.

Simone de Beauvoir (1960) criticou em seu livro “O segundo sexo”, justamente a ausência desse reconhecimento.

Se a mulher se enxerga como o inessencial que nunca retorna ao essencial é porque não opera, ela própria, esse retorno. Os proletários dizem "nós". Os negros também. Apresentando-se como sujeitos, eles transformam em "outros" os burgueses, os brancos. As mulheres — salvo em certos congressos que permanecem manifestações abstratas — não dizem "nós". Os homens dizem "as mulheres" e elas usam essas palavras para se designarem a si mesmas: mas não se põem autenticamente como Sujeito.¹⁰

Foi um momento marcado por uma cultura marxista revolucionária característica da segunda onda feminista que reivindicava a autonomia

⁸ PICQ, Françoise. *MLF : 1970, année zéro. PROCHOIX n°46: MLF le mythe des origines, homophobie l'affaire Vanneste* (2008). Disponível em: <https://www.liberation.fr/societe/2008/10/07/mlf-1970-annee-zero_112802>. Acesso em: 19 abr. 2019.

⁹ GUADILLA, Naty Garcia. *Libération des femmes*. Paris cedex 14, Presses Universitaires de France, « Le sociologue », 1981, Disponível em: <<https://www.cairn.info/liberation-des-femmes--9782130368939-page-19.htm>>. Acesso em: 19 abr. 2019.

¹⁰ BEAUVOIR, Simone. *O segundo sexo: fatos e mitos*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1960, p. 13.

das mulheres e caminhava junto com o movimento dos direitos civis dos negros nos Estados Unidos. As transformações introduzidas pela ação do MLF atingiram a imprensa, os partidos políticos, os sindicatos e o próprio governo, que tiveram que voltar seus olhos para os problemas femininos. As mídias tiveram um papel importante neste processo, pois elas, tanto aquelas voltadas para o grande público quanto a imprensa alternativa, foram fundamentais para sensibilizar a opinião pública, de forma geral.¹¹

LES PÉTROLEUSES: MULHERES EM LUTA

A imprensa periódica teve um papel muito importante dentro do MLF, tanto como espaço para reivindicações quanto de expressão das mulheres que faziam parte do movimento. Assim como em períodos anteriores, jornais e revistas foram apropriados pelas mulheres como espaços de expressão, independentemente da orientação ideológica de suas editoras. Não seria diferente no MLF, marcado por uma diversidade de ideias e de grupos.

Suas colaboradoras não são profissionais e na maioria das vezes usam pseudônimos e produzem textos coletivamente. Quadrinhos, charges e ilustrações são feitos muitas vezes por mulheres comuns, com traços caracteristicamente amadores e infantis. Elas contribuía com ilustração e quadrinhos que complementavam artigos e denunciavam tanto situações e causas diretamente ligadas às mulheres como, também, acerca de temas que envolviam o interesse geral da população.

Esses movimentos e publicações buscavam redimensionar as relações de gênero. Consideramos esses periódicos como “tecnologias de gênero”, uma vez que formam discursos e procuram construir e desconstruir a forma como homens e mulheres se percebem como tal por meio de reflexões e críticas, sejam utilizadas na narrativa escrita ou imagética¹².

Um dos periódicos que surgiram a partir das ações do MLF, mas não considerado “oficial”, foi *Les Pétroleuses*. Ele nasceu de um racha entre duas

¹¹ GUADILLA, 1981, p. 15.

¹² LAURETIS, Teresa de. Tecnologia de Gênero . In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de. *Tendências e impasses. O feminismo como crítica da cultura.* – Rio de Janeiro: Rocco, 1994, p. 228.

tendências que faziam parte do MLF: *Psychanalyse, Féministes a Lutte de Classe*. A tendência *Lutte de Classe* exigia do Movimento de Liberação das Mulheres uma plataforma voltada para as demandas das mulheres dentro do movimento operário¹³.

A ideia de se criar um periódico feminista teve sua origem em 1974, em Angers, por iniciativa de um grupo de mulheres ligadas à antiga *Ligue Communiste* (Liga Comunista), dissolvida em junho de 1973. No dia das mães, em 1974, foi distribuído um panfleto que defendia o direito das mulheres de optarem ou não pela maternidade, defendendo os métodos contraceptivos e o aborto reembolsados pela previdência social, além do direito à creche gratuita, aberta 24 horas, entre outras demandas¹⁴.

Figura 12

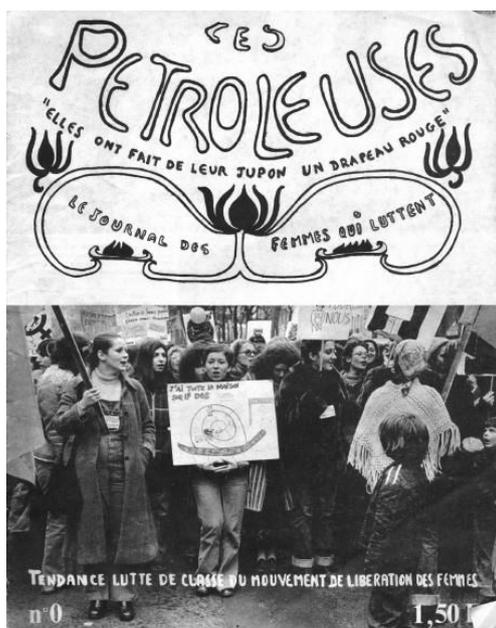


Figura 01 - Capa da edição zero da revista - LES PÉTROLEUSES - Le journal de Femmes qui Lutternt: tendance de lutte de classe ou mouvement de Liberation des Femmes, 1973.

Figura 13

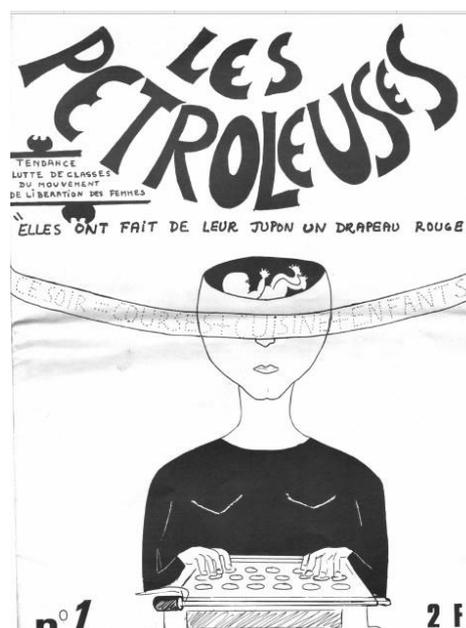


Figura 02: Capa da edição 01 - LES PÉTROLEUSES - Le journal de Femmes qui Lutternt: tendance de lutte de classe ou mouvement de Liberation des Femmes 1974.

¹³ DABOUIIS, Frédéric. Des Pétroleuses aux Danaïdes: Aspects du mouvement féministe à Angers (1974-1987). *Les Cahiers du CESA / Cercle d'Etudes Sociales Angevin*, n° 2, 2011. Disponível em: <http://cesa49.free.fr/IMG/pdf/historique_mvt_des_femmes_a_angers.pdf>, A cesso em 20 mai. 2019, p. 03.

¹⁴ DABOUIIS, 2011, p. 03.

A partir deste movimento, foi realizado um acordo com a imprensa local, intermediado por membros da antiga *Ligue Communiste* e pelo *Parti Socialiste Unifié* - PSU (Partido Socialista Unificado). Foi então estruturado um grupo de "Pétroleuses" ou "Mulheres em luta", que resultou no lançamento da edição número zero do periódico *Les Pétroleuses*, entre maio e junho daquele ano.¹⁵

No entanto, em 1976, a referência às *Pétroleuses*, mulheres revolucionárias que participaram da Comuna de Paris, na primavera de 1871, foi abandonada uma vez que as ativistas feministas passaram a recrutar mulheres de todos os tipos, independentemente da orientação político-ideológica, passando a se apresentar simplesmente como "mulheres em luta".¹⁶

A luta de classes irá nortear toda a ação do grupo, que deseja alcançar o maior número de mulheres nos diversos distritos de Paris. Na edição zero do periódico elas vão atrás das mulheres que protestavam nas usinas por melhores condições de trabalho e salários. *Les Pétroleuses* desejava conhecer essas mulheres e sua experiência. O periódico foi um meio de divulgar a ação das mulheres no campo do trabalho, no campo político e sindical, de mostrar que essas mulheres participavam de lutas importantes por direitos, ao lado dos homens, mas com maiores obstáculos do que eles devido a sua condição feminina.

Somos um grupo de mulheres do 18º distrito de Paris, chegando a Besançon para conhecer mulheres do LIP. Nossa intenção era realizar uma pesquisa sobre como as mulheres vivenciavam a luta como mulheres e levar nossa experiência de luta para o bairro. Achamos que era importante ir para as mulheres do LIP porque é na luta que as mulheres podem pedir concretamente as exigências da sua libertação. Eles têm um equilíbrio de poder e a capacidade de apresentar problemas a nível coletivo, evitando soluções que seriam individuais ou isoladas da luta de todos os trabalhadores do LIP. Além disso, essas mulheres que experimentam tanto a exploração da fábrica quanto a opressão no lar são mais propensas a apresentar os problemas da libertação das mulheres com mais precisão (tradução nossa)¹⁷.

¹⁵ DABOUI, 2011, p. 04.

¹⁶ DABOUI, 2011, p. 11.

¹⁷ Nous sommes un groupe de femmes du 18ème arrondissement de Paris, descendues à Besançon pour rencontrer des femmes de LIP. Notre intention était de mener une enquête sur la façon dont les femmes ont vécu la lutte en tant que femmes et d'apporter notre expérience de lutte sur le quartier. Nous avons pensé qu'il était important d'aller voir les femmes de LIP, parce que c'est dans la lutte que les femmes peuvent poser concrètement les exigences de leur libération. Elles ont un rapport de force et la possibilité de poser les

Les Pétoleuses estava constantemente destacando as dificuldades que as mulheres enfrentam no mercado de trabalho e na luta sindical, uma vez que permanecem constantemente atreladas ao trabalho doméstico e à educação dos filhos. Tais críticas são realizadas não apenas em textos e resenhas, mas também em charges e quadrinhos.

LES PÉTOLEUSES: ATIVISMO A PARTIR DO USO DA IMAGEM

As imagens têm sido utilizadas como forma de expressão pela humanidade desde tempos remotos. Ela foi apropriada pelos diversos grupos como forma de comunicação, como manifestação de desejos e medos, como instrumento de manutenção da ordem social e, no caso específico de periódicos como *Les Pétoleuses*, como forma de resistência à dominação masculina, e uma de suas expressões, o capitalismo, na França dos anos de 1970.

Mas que imagens eram essas e sobre o que elas falavam?

De charges a quadrinhos, usando desde técnicas mais simples a colagens, *Les Pétoleuses* utilizavam-se da arte gráfica para se expressarem sobre questões como a desigualdade entre homens e mulheres no mercado de trabalho e a violência contra a mulher, dentro e fora do espaço privado. Estes dois temas serão constantes e recorrentes. A revista também foca na questão da educação, voltada para a reprodução de estereótipos femininos que o movimento critica e combate.

problèmes un niveau collectif en évitant les solutions qui seraient ou individuelles ou coupées des enjeux de la lutte de tous les travailleurs de LIP. Deplus, ces femmes qui subissent à la fois l'exploitation patronale à l'usine et l'oppression au foyer sont à même de poser de façon plus juste les problèmes de la libération des femmes. Li pau féminin. LES PÉTOLEUSES - Le journal de Femmes qui Luttern: tendance de lutte de classe ou mouvement de Liberation des Femmes. Angers, n.0, 1973, p. 03

VI CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE GÊNERO E RELIGIÃO, 6., 2019, São Leopoldo.

Anais do VI Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião. São Leopoldo: EST, v. 6, 2019. | p.418-431

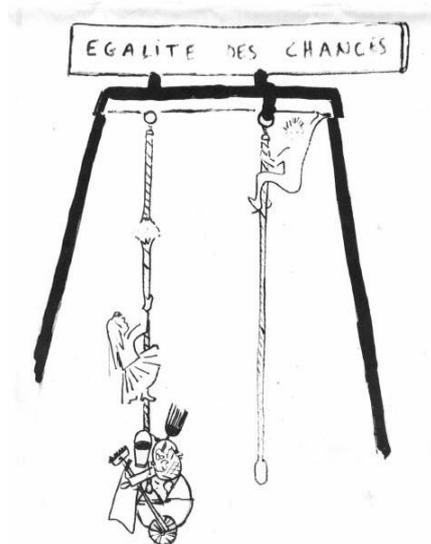


Figura 03 - LES PÉTROLEUSES - Le journal de Femmes qui Lutternt: tendance de lutte de classe ou mouvement de Liberation des Femmes, 1974, nº 01, p.10

– Igualdade de chances.



Figura 04 - LES PÉTROLEUSES - Le journal de Femmes qui Lutternt: tendance de lutte de classe ou mouvement de Liberation des Femmes, 1974, nº 01, p.06

- O masculino sempre vence o feminino

Na edição nº 01, de 1974, a revista nos traz vários exemplos do uso de charges e quadrinhos que versam sobre estes temas. Temos uma charge sem autoria, que faz uma crítica direta à desigualdade de chances (*Egalité des chances* – Figura 03). Nos dois casos, as charges foram utilizadas como formas de reforçar a crítica sobre a dominação masculina presente na sociedade francesa daquele período, no qual as mulheres enfrentavam enormes obstáculos para conseguir espaço no mercado de trabalho e são colocadas em segundo plano enquanto agentes sociais.

Para Jane Flax essa diferenciação entre homens e mulheres, está estruturada sob formas de pensamento (metateoria) que reforça a desigualdade (*Le masculin l'emporte toujours sur le féminin* - Figura 04), baseadas no dualismo entre homens e mulheres determinado pelas diferenças física, ou seja biológicas, que permite a dominação das mulheres pelos homens¹⁸.

¹⁸ FLAX, Jane. Pós-modernismo e relações de gênero na teoria feminista. In: HOLANDA, Heloisa Buarque de. *Pós-modernismo e Política*. – Rio de Janeiro: Rocco, 1991.

Em seus escritos e, particularmente, em suas imagens, *Les Pétroleuses* contratam com uma outra metateoria, na qual as diferenças entre homens e mulheres são denunciadas como uma forma de dominação que precisa ser combatida. O periódico assume, assim, o papel de uma tecnologia de gênero a serviço do fim da desigualdade entre homens e mulheres. Na figura 06, uma tira publicada pelo periódico, esse discurso de resistência aparece em uma sequencia de imagens nas quais as mulheres são tratadas como subalternas aos homens, tendo que implorar por uma vaga no mercado de trabalho aos homens, sem sucesso e, por fim recorrendo à união para superar a desigualdade (esta união pode ser entendida como o próprio MLF).

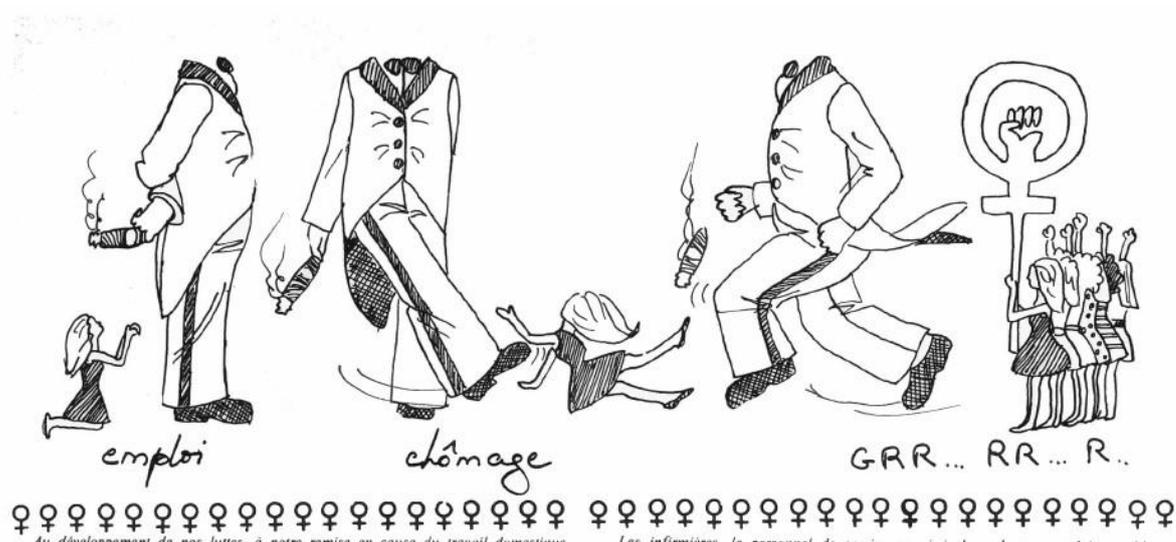


Figura 05 - LES PÉTROLEUSES - Le journal de Femmes qui Luttent: tendência de luta de classe ou movimento de Liberação das Femmes, n. 04, s/d, p. 18.

Note na figura 06 presença do símbolo do poder das mulheres, criado pela ativista e jornalista estadunidense Robin Morgan, no final da década de 1960. Trata-se de uma adaptação do símbolo de Vênus combinado com um punho levantado que é mais associado ao símbolo do Poder Negro na década de 1960¹⁹. O símbolo aparece tanto nas manifestações do MLF quanto nas publicações periódicas direta ou indiretamente relacionadas a ele.

¹⁹ LORRIAUX, Aude. D'où vient le symbole féministe avec le poing levé? (2016). Disponível em: <<http://www.slate.fr/story/119037/symbole-feministe-poing-leve>>. Acesso em 20 set. 2019.

Ilustrações com temas relacionados ao trabalho, ao papel produtivo da mulher na sociedade, são as mais frequentes em todas as publicações, uma vez que *Les Pétoleuses* é um órgão de imprensa feminista ligado ao movimento operário e à defesa das mulheres proletárias. Mas a questão da violência contra as mulheres também é recorrente, tanto a violência física mas, também a simbólica, que é representada de diversas formas.

COMMENT ON FABRIQUE DES VIOLEURS ET DES VIOLÉES.

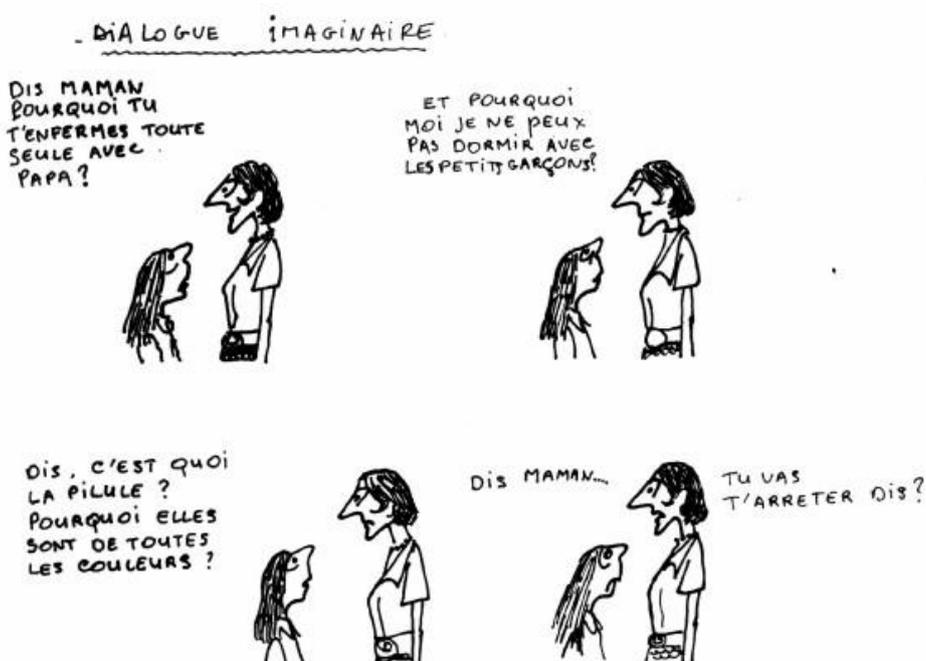


Figura 06 - LES PÉTOLEUSES - Le journal de Femmes qui Lutternt: tendance de lutte de classe ou mouvement de Liberation des Femmes, spécial. s/d p. 04

Na figura 06, uma história em quadrinhos, temos um exemplo deste tipo de violência no ambiente doméstico. Ela se faz presente na omissão da família a partir do silêncio de seus pais. Com o tema “Como se fabricam os violadores e os violados” temos uma menina que questiona a mãe sobre diversos assuntos tais como - “Por que não posso dormir com os meninos?” – “O que é a pílula?”, sem obter resposta alguma. O silêncio da mãe, segunda a leitura que se faz da HQ, é uma forma de perpetuar a violência uma vez que a desinformação cria jovens mulheres vulneráveis e, assim, vítimas em potencial.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os periódicos foram poderosas tecnologias de gênero utilizadas pelos grupos que faziam parte do Movimento de Liberação das Mulheres, nos anos de 1970, na França. Por meio deles é possível não apenas conhecer melhor as principais demandas das mulheres naquele país mas, também, perceber como o feminismo conseguiu atingir grupos dos mais variados estratos sociais.

Eles marcam um momento de intensa politização das mulheres, sejam elas de tendências de esquerda ou não. Embora esta multiplicidade de vozes tenha dado ao MLF notoriedade em 1970, o que levou o movimento a comemorar conquistas como o fim da criminalização do aborto (1975), ela vai se tornar, posteriormente seu ponto de ruptura. Esta evolução pode ser acompanhada a partir das diversas publicações independentes que circularam por toda a França nos anos de 1970. Quadrinhos e charges tiveram um papel importante, como vimos, na composição dessas publicações. Eles tornaram possível abrir espaço para que todas as mulheres pudessem participar, expressando-se pela arte quando lhes faltavam palavras.

Eles também foram instrumentos poderosos de comunicação, a partir dos quais era possível levar a mensagem do grupo às suas leitoras. Eles cumprem a função de equalizar o discurso, mas sem torná-lo menos expressivo. As imagens utilizadas em *Les Pétróleuses*, assim como em outros periódicos, reforçam discursos de resistência, denunciam abusos, conclamam as mulheres francesas a defenderem as mais variadas bandeiras.

Como uma tecnologia de gênero, *Les Pétróleuses* cumpre a função de desconstruir estereótipos e apresentar uma nova representação de mulher. A mulher operária, a mulher crítica, a mulher que reivindica seu espaço na sociedade e que deseja, acima de tudo, ter sua voz ouvida, enquanto membro ativo da sociedade.

REFERÊNCIAS

- BEAUVOIR, Simone. O segundo sexo: fatos e mitos. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1960.
- CHARTIER, Roger. *A História Cultural entre práticas e representações*. 2ª ed. Lisboa: Difel, 1988.
- DABOUI, Frédéric. Des Pétoleuses aux Danaïdes: Aspects du mouvement féministe à Angers (1974-1987). *Les Cahiers du CESA / Cercle d'Etudes Sociales Angevin*, n° 2, 2011. Disponível em: <http://cesa49.free.fr/IMG/pdf/historique_mvt_des_femmes_a_angers.pdf>, Acesso em 20 mai. 2019.
- FLAX, Jane. Pós-modernismo e relações de gênero na teoria feminista. In: HOLANDA, Heloisa Buarque de. *Pós-modernismo e Política*. – Rio de Janeiro: Rocco, 1991, p. 217-250.
- FELDMAN, **Jacqueline**. De FMA au MLF. *Clio. Histoire, femmes et sociétés* [En ligne], n. 29, 2009. Disponível em: <http://journals.openedition.org/cli/9326>. Acesso em 20 abr. 2019.
- GUADILLA, Naty Garcia. *Libération des femmes*. Paris cedex 14, Presses Universitaires de France, « Le sociologue », 1981. Disponível em: <<https://www.cairn.info/liberation-des-femmes--9782130368939-page-19.htm>>. Acesso em: 19 abr. 2019.
- LAURETIS, Teresa de. Tecnologia de Gênero . In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de. *Tendências e impasses. O feminismo como crítica da cultura*. – Rio de Janeiro: Rocco, 1994, p. 206-242.
- LES PÉTOLEUSES - Le journal de Femmes qui Luttern: tendance de lutte de classe ou mouvement de Liberation des Femmes. Angers, n.0, 1973.
- LES PÉTOLEUSES - *Le journal de Femmes qui Luttern: tendance de lutte de classe ou mouvement de Liberation des Femmes*, n° 01, 1974.
- LES PÉTOLEUSES - *Le journal de Femmes qui Luttern: tendance de lutte de classe ou mouvement de Liberation des Femmes*, n. 04, s/d.
- LES PÉTOLEUSES - *Le journal de Femmes qui Luttern: tendance de lutte de classe ou mouvement de Liberation des Femmes*, spécial. s/d.
- LORRIAUX , Aude. D'où vient le symbole féministe avec le poing levé? (2016). Disponível em: <<http://www.slate.fr/story/119037/symbole-feministe-poing-leve>>. Acesso em 20 set. 2019.
- PICQ, Françoise. *MLF : 1970, année zéro. PROCHOIX n°46: MLF le mythe des origines, homophobie l'affaire Vanneste* (2008). Disponível em: <https://www.liberation.fr/societe/2008/10/07/mlf-1970-annee-zero_112802>. Acesso em: 19 abr. 2019.
- SCOTT, Joan. *Gênero: uma categoria útil para análise histórica* (1989). Disponível em: <<http://bit.ly/2yKYNX3>>, acesso em 27 mai. 2017.